

INOCÊNCIA E TAUNAY NA COLÔNIA DE NEU-WURTTEMBERG
INOCÊNCIA AND TAUNAY AT THE NEU-WURTTEMBERG COLONY

André Luis Mitidieri
 Doutor em Letras
 Universidade Estadual de Santa Cruz
 (mitidierister@gmail.com)

Miquela Piaia
 Mestre em Letras
 Instituto Federal Farroupilha, campus Santo Augusto (RS)
 (miquela@sa.iffarroupilha.edu.br)

RESUMO: A descoberta de documentos históricos no Museu e Arquivo Histórico de Panambi (RS) resultou na organização e instauração do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH), o qual compreende diversos itens que contam um pouco da história da literatura brasileira e de sua presença na então colônia Neu-Wurtemberg, atual cidade de Panambi, Rio Grande do Sul. Destacamos neste artigo as correspondências trocadas entre o imigrante alemão Arno Philipp e o romancista catarinense Alfredo d'Escagnolle Taunay (o Visconde de Taunay) e seus familiares, rastreando especialmente os vestígios da trajetória da publicação da tradução à língua alemã realizada por Philipp da obra literária **Inocência**, originalmente escrita por Taunay. Após a descrição das correspondências, passamos à sua análise, buscando estreitar a relação entre a literatura brasileira e a memória cultural por meio da história que revelam. Através do acompanhamento, investigação e conservação desta micro história literária, objetivamos contribuir para a renovação dos olhares ao fato literário, à história, à história literária, à leitura, à produção, à recepção de autores e obras, enfim, à literatura enquanto sistema e vida, nunca desvinculada dos processos culturais.

Palavras-chave: Acervos literários; Arno Philipp; **Inocência**; Literatura brasileira; Visconde de Taunay

ABSTRACT: The discovery of historical documents in the Museum and Historical Archive of Panambi (RS) resulted in the organization and establishment of the Arno Philipp Literary Collection (ALAPH), which contains items that describe the Brazilian literature and its presence in the, at the time, Neu-Wurtemberg colony, nowadays Panambi City, Rio Grande do Sul. This article highlights the correspondences exchanged between the German immigrant Arno Philipp and the catarinense novelist Alfredo d'Escagnolle Taunay (Taunay Viscount) and his family, specially by tracing the clues of the publication of the German translation made by Philipp of the literary piece **Inocência**, originally written by Taunay. Following the correspondences' description, we pass to their analysis, trying to close the gap between the Brazilian literature and the cultural memory through the history that the correspondences reveal. Through of accompaniment, investigation and conservation of this literary micro history, we aim to contribute for renewing the sights over the literary fact, the history, the literary history, reading, production, writers and the reception of their works, after all, the literature while system and life, never disconnected from cultural processes.

Keywords: Literary collections; Arno Philipp; **Inocência**; Brazilian literature; Taunay Viscount

Acervos e arquivos literários

O trabalho dos pesquisadores brasileiros em acervos e arquivos literários, na busca da historicidade da literatura de forma científica, é impulsionado a partir da década de 1980, quando o imanentismo perde força para os estudos culturais e a crítica genética. A organização acervística recebe tratamento diferenciado no mesmo período, com o trabalho desenvolvido na PUCRS, saindo dos arquivos tradicionais para modelar um acervo que atenda “as necessidades da investigação literária [...] preservando a diversidade dos itens documentais, sem exclusões ou hierarquizações” (BORDINI, 2004, p. 205). No mesmo propósito, “Literatura e Memória Cultural” é o tema adotado pelo II Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) realizado em 1990.

Entre os mais significativos projetos de recuperação e conservação da memória, o Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG visa a “propiciar condições para a recepção, preservação e pesquisa de acervos e bibliotecas, colocando-os à disposição da comunidade” (SOUZA, 2007, p. 119). Vinculados a esse centro, outros projetos de publicação, divulgação e preservação da cultura literária mineira são desenvolvidos: “As assinaturas que hoje se inscrevem no desejo de resgate deste texto coletivo da memória buscam o traçado das obras esquecidas e de autores que ainda não foram devidamente descobertos ou valorizados” (SOUZA, 2007, p. 119-120).

Convém esclarecer que a expressão arquivo literário designa o material de um escritor vivo enquanto acervo literário denomina a coleção de um escritor morto, eventualmente, sob a posse de instituições culturais. Tratando dessas questões, **Arquivos literários** (MIRANDA; SOUZA, 2003.) reúne artigos que discutem a prática de conservação da memória em plena era da informatização. Os textos resultam do colóquio “A Invenção do Arquivo Literário”, realizado no ano de 2000 em Belo Horizonte. Nessa coletânea, Silvano Santiago (2003, p. 15) discorre sobre anotações de leitura, borrões, rascunhos, resumos, páginas abandonadas, versões negligenciadas etc. “Todos esses textos fragmentados nos colocam de imediato no terreno pedregoso em que se misturam lembrança, esquecimento, amnésia”.

Amos Segala (2003, p. 25-34) expõe o processo desenvolvido pela Coleção Archivos, fundada em Paris, e por ele dirigida, com a proposta de estabelecer diálogo entre pesquisadores da crítica genética. Suas edições vêm dando vida aos acervos manuscritos, conhecidos até então por limitado número de especialistas locais, como os de César Moro, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José Asunción Silva, Julio Herrera e Reissig, Mário de Andrade e Pedro Nava, dentre outros. Modificando-se a relação entre o escritor e suas anotações, tendo em vista a conservação dos documentos em arquivo, esses “são utilizados como chaves para se alcançar a inteligência da criação literária” (COLLA, 2003, p. 71) e a crítica encontra bases para evoluir.

A partir da transferência de arquivos manuais para sistemas *online*, a reestruturação dos dados permite maior agilidade e abrangência. O universo textual passa a ser virtual e o redator questiona sobre o futuro do texto. Com a escrita eletrônica, as peculiaridades da grafia são eliminadas; vê-se o produto final, mas não o processo: “O texto guardou todos os atributos formais do impresso, mas perdeu todas as qualidades substanciais” (LEBRAVE, 2003, p. 84). Sobre a correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Abgar Renault, Reinaldo Marques (2003) lembra que um suplementava o arquivo e a memória do outro, indicando que os arquivos dos escritores tendem a extrapolar os domínios privados, “solicitando a atenção de leitores e pesquisadores. Pesquisadores estes aos quais, como destinatários virtuais dos arquivos literários, caberá continuar cuidando da memória do escritor, preservando sua obra e vivendo uma memória vicária” (p. 149).

A neutralidade e a imparcialidade, atribuídas pela visão moderna ao arquivista, sofrem alterações em nossos tempos. A capacidade de armazenamento torna-se gigantesca, exigindo intervenção ativa do pesquisador enquanto o intercâmbio de saberes resulta em boa discussão sobre o contexto dos documentos e a memória social. Isso aumentaria “nossas possibilidades de exploração e uso dos acervos literários, intensificando os prazeres do arquivo. Mais ainda, minimizaria os problemas decorrentes de uma formação ainda deficiente de muitos profissionais que lidam com arquivos em nosso país” (MARQUES, 2003, p. 156).

Terezinha Maria Scher Pereira (2003, p. 164) afirma, referindo-se a Murilo Mendes, que fragmentos da nacionalidade em terra estrangeira permitem realizar “uma espécie de perfil do escritor como leitor e colecionador”. Com tal exemplo em

mente, a filologia do século XXI precisa criar mecanismos e instrumentos hábeis a explorar uma gigantesca e cambiante memória virtual. Novas análises e interpretações (MARQUES, 2003, p. 156) não se aplicam à ordem de um arquivo, muitas vezes, fixada em vida pelo escritor, mas à prática de pesquisa, que pode transgredir uma linearidade suposta como costumeira, pois a cada abertura de novos envelopes e gavetas, todo acervo pode ser completamente reconfigurado.

Cartas do Visconde de Taunay

Documentos consultados no Museu e Arquivo Histórico de Panambi (RS) fizeram-nos deparar com várias cartas que um imigrante alemão chamado Arno Philipp havia trocado com Mário de Alencar (filho do escritor José de Alencar), com o romancista Alfredo d'Escragno Taunay (o Visconde de Taunay) e com seus familiares. A partir dessas descobertas, decidimos pesquisar as relações firmadas pelo Sr. Philipp com a literatura brasileira e com a comunidade teuto-brasileira da então colônia Neu-Wurtemberg, situada ao Noroeste do Rio Grande do Sul.¹ A pesquisa gerou uma dissertação de mestrado no PPGL da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Frederico Westphalen (RS) cujos objetivos eram a organização do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH).

Para tanto, reunimos anotações, correspondências, publicações e afins legadas pelo cidadão teuto-brasileiro a Panambi. Aliando o estudo de seus itens à investigação historiográfico-literária, interpretamos dados que nos permitem transcender o tradutor de Alencar e Taunay, a fim de empreender renovados olhares ao fato literário e à história literária, à produção e à recepção de autores e obras, enfim, à literatura enquanto sistema e vida, nunca desvinculada dos processos culturais. Nesse intuito, a classe 02 do ALAPH (Correspondências) registra vestígios das traduções realizadas pelo Sr. Philipp de romances produzidos pelo Visconde de Taunay e por José de Alencar, especialmente, **Inocência** e **As minas de prata**.

¹ A colônia Neu-Wurtemberg é fruto de uma empresa de colonização homônima de propriedade de um alemão natural de Leipzig, Hermann Meyer, desde 1898. Os primeiros colonos de origem alemã haviam passado por outras terras, o que facilitou sua adaptação, e se juntaram mais facilmente aos de origem portuguesa que, há quase dois séculos, habitavam a região. Depois da Primeira Grande Guerra, chegou à colônia um grande contingente de imigrantes europeus, vindos diretamente da Alemanha. Após constantes trocas de nomes, e impulsionada por vocação industrial pouco comum na região, Panambi emancipa-se de Cruz Alta em 1954.

Passaremos a elencar as cartas, que se fazem acompanhar de sua respectiva numeração no acervo (Cf. MITIDIERI; PIAIA, 2011), enviadas pelo Visconde de Taunay ou por seus familiares ao Sr. Philipp, contemplando também a única correspondência remetida por esse tradutor aos Taunay. Iniciamos pela carta na qual Alfredo d'Escragno Taunay (ALAPH 02b018-95) avisa que respondeu à “amável cartinha” de 6 de novembro de 1895, mandando a Arno três obras literárias de sua autoria e lembranças ao Sr. Carlos Bolle. Ele declara que muito simpatizou com o Sr. Philipp, a quem deve elevado obséquio por traduzir seu livro; deseja ver a tradução em língua alemã, concorrendo assim para conhecer a história da melancólica *Inocência*.

Em correspondência do ano seguinte, o Visconde (ALAPH 02b019-96) acusa o recebimento de uma carta repleta de agradáveis frases a seu respeito. Ele comunica que **Inocência** acaba de ser traduzida em sueco por Karl August Hagberg, de Stockholm; afirma desejar vê-la em volume na bela versão do Sr. Philipp e comenta que a casa Laemmert mandou imprimir a terceira edição em português na Alemanha, “uma obra de luxo”. Ainda diz que escreve muito, agora, na **Revista Brasileira**, e agradece pelo artigo.

Posteriormente, Taunay (ALAPH 02b020-96) justifica a demora em responder à carta de Philipp, recebida do dia 04 de julho; afirma que percebeu o cuidado do tradutor no estudo de *Inocência*, e que suas observações são da maior procedência e cabimento. Assim, só faz aumentar o desejo de ler a versão alemã, a qual deve reproduzir com a maior exatidão tudo o que saiu de sua pena, quanto àquela singela história, de tanta aceitação pelo mundo. O romancista comenta que o delegado do Tesouro Brasileiro lhe escreveu contando ter oferecido um exemplar de **Inocência** a Affonso Rothschild, o rei das finanças. Uma semana depois, esse atravessou a rua para elogiar o livro, questionando “Mas por que seu amigo sacrificou a pobre *Inocência*?” Acaba falando sobre o Padre José Maurício, a quem compara com Bach, Mozart e Haydn: “os 20 anos de incessantes esforços serão bem recompensados, pois o tal negro musicista é um gênio talentoso”.

No prosseguimento das correspondências, Taunay (ALAPH 02b021-96) acusa o recebimento da carta do dia 5 de outubro e fala do artigo sobre José Maurício cujo ano de nascimento em 1767 seria retificado no dia seguinte pelo mesmo **Jornal do Comércio**. O intelectual comunica que agora se realizou

plenamente a promessa feita há muitos anos no Parlamento, quando apenas ele, contra todos, pediu proteção e auxílio para Carlos Gomes. O missivista compara esse músico a um diamante que não teve lapidário por culpa da própria terra natal e assim mesmo é um gênio, o único que o Brasil até então teria produzido. Além disso, deseja que a tradução tão conscienciosa de **Inocência** possa ser afinal apreciada em livro, causando impressão mais durável do que a leitura de folhetins dia a dia pode conseguir. Encerra dizendo muito sentir pelos desgostos do amigo.

No ano seguinte, o escritor (ALAPH 02b022-97) avisa que publicou a última carta recebida de Philipp no **Jornal do Comércio** e pede desculpas pelas ligeiras alterações nela introduzidas. Diz estar ansioso por ver em livro a tradução *de Inocência* e comunica que o romance vai ser traduzido em Buenos Aires por José Clementino Soto. Ele reclama das apreciações tolas que a crítica tem feito de sua obra e, sobre o *Polybiblion*, que fala do tipo grotesco do “bom Meyer”, comenta:

Não compreendendo, pois, quanto há de nobre, sincero e elevado na ingenuidade daquele honesto e simpático caráter. Com aquela preocupação, julgou o crítico dever de naturalizar Cyrino francês e fê-lo confrade do alemão: Enfim, legítimas baboseiras, que prestam ao ridículo, mostrando grande leviandade e nenhum senso literário. Mete até pena! (ALAPH 02b0022-97).

O Visconde de Taunay afirma que, se dispusesse de mais saúde, escreveria novo romance, uma *contrepartie* de **Inocência**, uma história alegre do grande sertão brasileiro. “Tenho todo ele pronto na cabeça, só falta o trabalho material de fixar no papel” (ALAPH 02b0022-97). Ele anuncia que apresentou a dois teatros de Paris, Odeon e Gymnase, dois dramas, em quatro atos, e que cada um está à espera do que decidirá o júri. Em outra carta, o romancista (ALAPH 02b023-97) diz que o Sr. Philipp não lhe tem a agradecer, pois tudo o que faz é por respeito e estima que nutre pelo amigo. Fala sobre um editor que, a princípio, pediu 800\$, depois exigiu 2000\$, e acabou firmando preço em 1600\$ por 200 exemplares. Isso aborreceu muito o escritor, abalado também pela morte do cunhado e pelos horrores da situação política. Sitiado em Petrópolis, o trabalho é que o consola.

Nos últimos dez dias, Taunay escreveu a biografia, que diz estar muito boa, de Augusto Leverger, barão de Melgaço, o benemérito de Mato Grosso. Informando ainda ter muitas obras concluídas, que gostaria de imprimir,

Mas onde o editor? Laemmert me pagou 600\$ pela terceira edição de **Inocência** (2.000 exemplares) e tem tirado contos de reis! Veja o que me diz a respeito da casa Hartleben, de Vienna. A impressão lá é tão barata. Podia dar o livro com gravuras, pois tudo isto, naqueles centros, sai verdadeiras ninharias (ALAPH 02b023-97).

Taunay envia o esplêndido “juízo” sobre **Inocência** do tradutor em espanhol, José Clementino Soto, publicado no mesmo número da **Gazeta de Petrópolis** que tem um artigo de sua autoria. Ele diz que pode traduzir a apreciação crítica, pois é digna dessa honra e pergunta se deve compor um romance com a pressão do presente momento, afinal, não é nada alegre ter-se convicção de que a lei nada vale aos olhos dos que dominam e dispõem de todos os elementos. Em outra carta (ALAPH 02b024-97), comenta sobre a demora em receber notícias de Philipp, diz que tem trabalho sempre, em meio a altos e baixos e, como prova disso, muito em breve enviará sua nova obra literária.

O escritor avisa que Laemmert se empenha para ter **Inocência** em alemão, informa que a editora ficou de escrever ao tradutor sobre o assunto e pergunta se já recebeu algo quanto a isso, além de alertar sobre os editores, que pensam só em si. Exemplifica com a terceira edição de seu romance, pela qual recebeu apenas 600\$000, apesar de ter gerado muito dinheiro. A edição de Paris esgotou-se, falam já da próxima, mas nada sobre a remuneração pela propriedade autoral: “Triste condição! O certo é que eu produziria muito se visse recompensados os meus esforços, por pouco que fosse, mas é muito duro estar trabalhando para outrem [...]” (ALAPH 02b024-97).

Em correspondência de maio do próximo ano, Taunay (ALAPH 02b025-98) informa que só no dia 05 de maio, quando foi ao **Jornal do Comércio**, entregaram-lhe a carta escrita por Philipp, do dia 27 de março. Afirma ter muito prazer em corresponder-se com o amigo, pois de há muito aprecia sua seriedade e consciencioso esforço. Ressalta que o esboço biográfico de Carlos de Koseritz é deficiente, haveria muito a acrescentar, mas já não dispõe de forças para isso e deixa a tarefa para quem venha prestar sua homenagem à verdade. O correspondente diz também que muito conseguiu em relação a José Maurício e solicita o artigo *Neue Musik-Zeiung*, de Philipp. Relata haver publicado trechos de suas **Memórias**, muito apreciadas, e que em breve enviará uma amostra: “Nada menos de 12 volumes estão cheios; mas ultimamente pouco tenho trabalhado,

embora muito me reste dizer e contar. Experimento grande depauperamento de força vital e vivo sujeito a múltiplos achaques. Aliás, não é graça estar a lutar com o diabetes, há mais de 20 anos” (ALAPH 02b025-98). Por fim, confirma o recebimento pontual do *Deutsche Zeitung* e pergunta se ainda não foi possível fazer da tradução de **Inocência** um livro, pois muito desejaria ter um exemplar daquela bela versão.

Passados sete meses, o intelectual (ALAPH 02b026-98) informa ter mostrado trechos da carta de Philipp do dia 12 de dezembro para Lammert e Cia, que ficou de posse da coleção de folhetins; está disposta a levar adiante o empenho, mas pensa ser indispensável uma revisão geral para tirar o caráter de folhetim, a fim de agradar ao exigente público alemão. Também comenta que, na primeira semana de 1899, talvez apareça seu novo romance **No declínio**, “texto condensado, não banal e de trechos sólidos. Envia o desejo de boas festas e felicidades no próximo ano, dizendo sentir-se muito doente e cada vez mais fraco” (ALAPH 02b026-98).

Essa é a última carta de Taunay que consta no ALAPH, até o presente momento da investigação. Entretanto, há outras correspondências, dos familiares do escritor e do próprio Arno Philipp, que precisam ser examinadas, pois a busca do erro, num trabalho historiográfico e, assim, de historiografia literária, equivale a rastrear, examinar, aproximar, ponderar, distinguir e comparar as grandes e as minuciosas referências. Para “um testemunho ser considerado autêntico é necessário que tenha aspectos semelhantes aos testemunhos vizinhos” (BLOCH, 2001, p.115). Nas evidências, procuram-se novas certezas, a serem devidamente comprovadas, ou até mesmo, as eventuais incertezas.

Cartas trocadas com a família Taunay

Entre as cartas da família Taunay enviadas ao Sr. Philipp em 1899, a Viscondessa de Taunay (ALAPH 02b027-99) agradece pelo telegrama de condolências e expressões de pesar. Comenta que Philipp deu muitas alegrias a seu marido, traduzindo **Inocência** e informa que o artigo necrológico, por ele escrito acerca de seu esposo, foi traduzido e inserido na **Polyanthéa**. Em outra correspondência (ALAPH 02b028-99), a viúva diz conservar todas as cartas de Philipp que servem de consolo a sua dor e promete enviar exemplares da edição francesa de **Inocência** para serem distribuídos entre os amigos do tradutor.

A Viscondessa (ALAPH 02b029-99) comenta que acabou de receber a “bondosa” carta do dia 20 de Outubro, comunicando que **Inocência** seria editada na tipografia do *Deutsche Zeitung*. Afirma que a notícia a encheu de alegria, pois um dos maiores desejos de seu marido era ver a obra circular entre os germânicos, o que ocorre graças também aos esforços do Sr. Cesar Reinharit, a quem é grata pelo auxílio. Muito agradece a Philipp que, não contente em trabalhar para o renome do falecido marido, dá mais uma prova da grandeza de seu coração, querendo fazê-los partilhar do resultado material que possa se apurar da segunda edição do livro.

Atendendo a pedido de sua mãe, Affonso Taunay (ALAPH 02b030-99) envia cópia de **No declínio**, último livro do pai; diz sentir grande satisfação ao fazê-lo, por se tratar de distinto e dedicado amigo do Visconde. Em outra missiva (ALAPH 02b031-99), comunica que recebeu com atraso a carta de Philipp em resposta ao cartão que escreveu quando enviou aquele exemplar; comenta sobre o modo pelo qual se refere a Taunay no belo artigo (traduzido pela irmã) de *Deutsche Zeitung* do dia 27 de Janeiro. Isso bastou para que a família se convencesse da amizade que os ligava. Ele discorre sobre conceitos emitidos acerca do pai, tão sinceros e justos; as expressões referentes a sua vida pública, a apreciação de suas qualidades, tudo fez com que fossem gratos ao autor de “tão belas e nobres palavras”:

O atual correspondente de Arno Philipp agradece pelos esforços desenvolvidos por esse em prol da memória do Visconde, ora fazendo propaganda de sua obra, ora agenciando donativos ao projeto de subscrição para o monumento, que não tem correspondido à expectativa do Dr. Catão, o qual conseguiu reunir pouco mais de 3.000\$. Reconhece que o momento é pouco apropriado para a questão; as dificuldades financeiras prejudicam fatalmente o desenvolvimento do projeto. Pergunta quais textos de Taunay o Sr. Arno não possui, já que irá enviá-los. Também procurará informar-se, por meio de parentes no Rio de Janeiro, sobre o que resolveu fazer a casa Laemmert da tradução de **Inocência**. Comenta que o Visconde foi muito criticado por pessoas invejosas do mundo das Letras (as quais o tinham por medíocre amador da literatura, embora o sucesso de público o consolasse dos ataques) e realça a estima pelo amigo e tradutor da obra do pai.

Em mais uma carta dirigida a Arno Philipp, Affonso Taunay (ALAPH 02b032-99) agradece por publicar no *Deutsche Zeitung* a transcrição do cartão que acompanhava **No declínio**. Afirma que, tão logo chegue ao Rio, em princípios de

dezembro, enviará alguns exemplares de **Céus e terras do Brasil**, trabalho de Taunay publicado em 1887, e pede que o tradutor os oferte às bibliotecas dos clubes alemães do Rio Grande do Sul. Diz ainda que remeterá, nessa ocasião, mais exemplares de outras obras. Posteriormente, Affonso (ALAPH 02b033-99) responde à carta do Sr. Philipp datada de 03 de outubro: “o que me diz acerca da tradução de *Inocência* transporta-me de alegria e de infinita gratidão para consigo. Além disso, as referências feitas a meu Pai, embora saiam de amigo, são extremamente honrosas porquanto procedem de pessoa de elevado mérito”.

O emissário agradece pelas frases lisonjeiras, as quais revelam um amigo sincero, o brilhante redator do *Deutsche Zeitung* que, mesmo tão moço, já alcança eminente posição no jornalismo. Ele comunica que possui a biografia do pai, escrita por Carlos von Koseritz, e traduzida pelo tenente-coronel Rodolpho Pao Brasil, genro do saudoso escritor e jornalista. Também espera remeter um exemplar da **Missa de réquiem**, do pe. José Maurício Nunes Garcia, de altíssimo valor, cuja memória se extinguiria por completo, não fora a tenaz propaganda feita pelo Visconde durante 20 quase anos. Conhecedor dos grandes clássicos, ao fim da vida, o sacerdote influenciou-se pela música italiana em voga com Rossini. Affonso recorda que seu pai dizia ser esse o único homem de gênio produzido pelo Brasil.

O correspondente pretende enviar a coleção dos discursos parlamentares e acadêmicos, **Ouro sobre azul**, **A cidade de Mato Grosso**, **Biografia do Visconde do Rio Branco** e uns opúsculos sobre imigração: **O futuro do Brasil e a colonização estrangeira**; **Resposta aos inimigos das colônias germânicas de S. Catarina** etc. Ele informa ter enviado, ao endereço de Philipp, um trabalho acerca de **Caro morto**, do Dr. Azevedo Castro. Um retrato que o acompanha constava como anexo nessa produção e a fotografia somada ao texto do Dr. Catão foi extraída da imagem que orna a **Retirada da Laguna**, da qual também deseja remeter um exemplar. Justifica que tanto se estendeu pelo prazer sentido ao comunicar-se com o simpático, incansável amigo e propagandista valente de seu pai e de suas obras.

As cartas trocadas com os Taunay durante o século XIX, e mantidas no Acervo Literário Arno Philipp, aí se esgotam. O próximo item avança duas décadas no tempo, consistindo num pedido de desculpas enviado ao tradutor por Affonso Taunay (ALAPH 02b001-21) pela demora em responder à carta do amigo. Diz-se triste por saber do estado de saúde do Sr. Philipp devido aos acontecimentos de

1914 a 1918 (Primeira Guerra Mundial). Solicita receber notícias, pois lhe tem grande estima, pela amizade mantida com seu pai e pela tradução que o deputado fez de **Inocência**, da qual sempre recebe ótimas críticas. Solicita recomendações ao Dr. Rodolfo Gliesch (professor de zoologia) e termina falando sobre o excessivo trabalho no museu, por conta dos preparativos do Centenário.²

A carta enviada em 1922 (ALAPH 02b002-22) mostra Affonso surpreso ao ler n' **A Federação** uma notícia referente à segunda edição da tradução de **Inocência** para a língua alemã, feita por Philipp. Pede, com urgência, sua declaração à imprensa brasileira e teuto-brasileira de que a reedição foi realizada com permissão da Viscondessa e que, em cada volume, se intercale uma folha solta ou “papagaio”, lembrando disso, pois a obra não é de domínio público, o que deverá ocorrer em 1959, de acordo com o Código Civil da República. Como há grande pirataria de livros, através das notas solicitadas, quer deixar clara a necessidade de o proprietário dos direitos autorais permitir as edições. **Inocência**, por exemplo, teve nove tiragens no Rio de Janeiro sem autorização. A viúva do escritor, já idosa, precisa dos poucos rendimentos que tais direitos lhe dão para se manter.

Pouco tempo depois, Affonso (ALAPH 02b003-22) responde a uma carta de Philipp, esclarecendo que não desejou ofender o amigo ao pedir retificações quanto aos direitos autorais; apenas quis defender sua mãe da pirataria, de edições clandestinas, num país repleto de impunidade. Ele informa que, da edição não autorizada, feita no Rio, a família recuperou 2100 volumes; a segunda edição muito satisfaz, recusando qualquer retribuição dos direitos autorais nela ou em outra reimpressão feita pelo amigo, um dos benfeitores da carreira de **Inocência** e dos únicos a trazerem alegrias a seu pai nos últimos anos de vida. Salaria que, se fosse o Brasil bem policiado, não teria pedido a fineza das declarações. Solicita algumas linhas de anúncio sobre a reimpressão, a serem publicadas nos jornais do Rio e São Paulo, junto à notícia da edição norte-americana do Prof. Jones, a sair em breve.

Mais tarde, o mesmo correspondente (ALAPH 02b004-22) responde a uma carta de Arno Philipp, dizendo ter exposto a público um plagiário chamado Manuel Cardoso de Abreu, pirata de antigos cronistas de São Paulo, para que fosse repreendido pela classe de escritores. Também agradece ao deputado pelas

² Não está claro a qual centenário Affonso Taunay se refere, mas seguramente, trata-se do Centenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul.

palavras bondosas a respeito da publicação intitulada **Grandes vultos**. Em outra correspondência (ALAPH 02b005-22), agradece as palavras do tradutor a suas produções. Fala dos anos de tempestade que tem enfrentado devido à péssima situação financeira de sua família, com a jogatina do Visconde na bolsa, entre 1890 e 1892. Affonso comunica que pôde apenas produzir alguma coisa depois que alguns amigos o colocaram na direção do Museu Paulista: o presidente de São Paulo, Washington Luiz que, por indicação de um rio-grandense, o Dr. Alépio Canteiro, e seu cunhado, Abreu de Souza Queiroz, intercederam junto ao Dr. Oscar Rodrigues Alves, senador estadual, dando-lhe respaldo suficiente para ocupar o cargo. Ele comenta que elaborará um pequeno artigo para ser publicado sobre a nova edição alemã de **Inocência**, utilizando as notas escritas por Philipp.

Em carta enviada no próximo ano (ALAPH 02b006-23), o mesmo correspondente confirma o recebimento de um exemplar da segunda edição da tradução alemã de **Inocência** e agradece pelo pequeno papagaio colorido. Elogia o aspecto da impressão, mas aponta uma falha: não indicar na folha de rosto que se trata de uma segunda edição. Ele concorda com o pensamento de que a indústria livreira do Brasil encontra-se em condições deploráveis e pede alguns volumes de propaganda para: Georg A. Buchler, da Cia. Melhoramentos de São Paulo; Walter Weiszflog, grande editor de São Paulo; Clemente Brandesburger, que escreve boas críticas. Na carta seguinte (ALAPH 02b007-23), declara que recebeu missiva de Philipp e um exemplar d'**O Comércio** onde vê, pela primeira vez, a fotografia do amigo de seu pai cuja amizade herdou. Agradece pelas delicadas expressões com que relata o modo pelo qual celebrou a passagem de 22 de fevereiro de 1923. Pede que transmita o agradecimento à Sra. Dora Assmus pela lembrança comemorativa [a seu aniversário] e avisa que enviará a notícia da tradução americana de **Inocência**.

O filho do Visconde de Taunay (ALAPH 02b008-23) desconfia da tradução americana de **Inocência**; diz que o autor parece uma pessoa muito suspeita, pois nunca responde às cartas e apenas escreve para pedir livros brasileiros, e que a edição anunciada para 1920 ainda não saiu. Informa que, a propósito do mencionado livro, o pensador espanhol Miguel de Unamuno, reitor da Universidade de Madrid, fez entusiasta apreciação. Encerra a carta, desejando que “as tristes condições do Rio Grande” não afetem o deputado.

As cartas guardadas no acervo saltam para 1929. No primeiro item desse ano (ALAPH 02b010-29), Affonso comenta, com tristeza, o estado de saúde do intelectual teuto-brasileiro, à espera da segunda cirurgia de próstata, desejando-lhe boas melhoras. Agradece a nova demonstração de estima e alto apreço por seu pai ao ter a ideia de fazer uma análise sobre sua correspondência e espera, ansiosamente, receber os artigos. Diz também que o escrito sobre José. Maurício saiu realmente “atropelado”. Encerra fazendo votos pelo restabelecimento do amigo. Em carta do ano seguinte (ALAPH 02b011-30), confirma o recebimento do *Almanack Uhle* e avisa que está enviando o artigo sobre o padre compositor.

Já na missiva 02b012-30, Affonso diz estar de posse do artigo de Arno Philipp do dia 22 de março, agradecendo muito por aquilo que sobre ele escreveu. Dá a notícia de que o Acervo Mauriciano do Instituto Nacional de Música foi completamente saqueado, o que é uma vergonha para o país. Comenta ter recebido a notícia de Roquette Pinto, antropólogo empenhado na organização das festas centenárias, que transmitiu absoluta indignação pelo ocorrido.

Na única carta enviada por Arno Philipp a Affonso Taunay (ALAPH 02a005-30) que se conserva no acervo instituído à memória daquele, o tradutor demonstra tristeza e abalo quanto ao saque do Acervo Mauriciano, confiado de boa fé ao Instituto Nacional de Música. Questiona sobre como pode isso ter acontecido, talvez por falta de acondicionamento seguro que o preservasse das garras dos ladrões. Lastima que toda a campanha de sacrifícios empreendidos pelo saudoso Visconde de Taunay em prol da salvação dos tesouros de José Maurício, e todos os empenhos de Affonso e outros amigos da arte, tenham sido frustrados.

O correspondente ainda comenta um artigo comemorativo, anteriormente enviado, e publicado no *Deutsche Zeitung*, em que externou a esperança de que o estímulo gerado pelos festejos do Centenário impulsionasse maior interesse pela obra do compositor. Sugeriu, naquela matéria, a criação de uma “Sociedade José Maurício” à guisa das sociedades “Dante”, “Shakespeare” etc., incumbida de lidar perante os poderes federais, pela publicação do montante artístico em foco. No entanto, devido ao roubo, não seria mais necessário “incomodar” a indiferença dos dirigentes da Nação. Ele traça algumas hipóteses sobre quem o teria praticado: de estudantes a estrangeiros que, subornando os empregados do arquivo, para levá-lo ao exterior, publicariam o material como de sua autoria.

O tradutor de **Inocência** pergunta se as autoridades já tomaram as medidas cabíveis e se a imprensa já noticiou o fato. Pede que Deus guarde o Brasil e mande um Mussolini, para colocar ordem e fazer respeitar os bens nacionais, especialmente os culturais, de perda irreparável. Termina a carta pedindo que Affonso transmita sua admiração ao Dr. Roquette Pinto cujos discursos fazem parte de seu arquivo. Diante de informações como essa, e das histórias que possibilitam escrever, precisaremos analisar os itens da classe 02 do ALAPH, antes descritos, na busca de relações mais amplas entre memória cultural e literatura brasileira.

Pequena história das cartas

Buscaremos desenrolar a pequena história revelada através da correspondência entre Arno Philipp, Alfredo D'Escragnolle Taunay e os familiares desse escritor. O processo não exclui a remontagem dos dados, recorrendo à seleção dos fatos e a outras narrativas. Dessa maneira, quando os itens da classe 02 do ALAPH referentes à década de 1930, ou a ela aproximados, reúnem em seus textos os nomes de Affonso Taunay, Arno Philipp e Edgar Roquette Pinto, dão mostras de que “Acreditar na verdade escondida nos documentos, a qual deveria ser buscada num número cada vez maior de locais para provar indicativos daquilo que se sabia ou para esclarecer pontos obscuros da história nacional, foi o elo de ligação entre Taunay e diversos intelectuais” (ANHEZINI, 2003, p. 55).

A correspondência mantida por Affonso Taunay revela suas identificações com vários intelectuais, além dos citados, por meio das constantes trocas de indicações de obras e doações de livros de maior interesse para outros membros do grupo. “O papel do documento também assume características comuns, pois o intercâmbio de informações a respeito da localização de fontes, associado às apreciações dos trabalhos realizados, é central nas relações estabelecidas entre esses intelectuais” (ANHEZINI, 2003, p. 59).

As cartas da década de 1920 demonstram as articulações políticas efetivadas por Arno Philipp e Affonso Taunay. Nesse sentido, o último menciona a ajuda recebida por Alépio Canteiro, por Abreu de Souza Queiroz, pelo senador Oscar Rodrigues Alves e pelo presidente de São Paulo, Washington Luiz (ALAPH 02b005-22). A consulta a uma obra de historiografia (BREFE, 2005) esclarece que o

tradutor de **Inocência** e o filho do Visconde articulavam-se em torno do Partido Republicano, fato que garantiu a presença do último à frente do Museu Paulista além de orientar as estratégias e os programas culturais dessa instituição.

A gestão de Affonso junto ao Museu Paulista ligou-se a uma elaboração ideológica, consistia na criação de uma identidade regional, “valorizando a condição de pertencente ao Estado (numa operação de homogeneização, nível das ideias, de seus habitantes), ao mesmo tempo em que institui uma série de valores e características como próprias da condição de paulista” (CERRI, 1998, p. 2). Essa construção se completava pela recorrência à história regional, especialmente, por meio da figura do bandeirante como ancestral, patriarca do paulista, e se fortaleceria na década de 1940, por ação da USP. A “paulistanidade” impõe-se à historiografia literária nacional, por exemplo, quando Alfredo Bosi (1994) e Lúcia Miguel-Pereira (1973) abordam o “pré-modernismo”, jogando “fora quase toda a literatura desse período, bastando permanecer autores paulistas como Euclides da Cunha e outros como Graça Aranha” (PINHO, 2009, p. 3).

Entre os descendentes de alemães no Rio Grande do Sul do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, também se verificaram ações de homegeneização identitária, visando a que “a forma de ser alemã e a força alemã se mantivessem entre eles” (GERTZ, 2002, p. 36). Embora o termo “germanidade” ou “germanismo” possua diversas conotações (Cf. GERTZ, 1991), em diversos momentos, pleiteava a participação do grupo étnico junto aos poderes constituídos, associando-se, como a paulistanidade, ao Partido Republicano. Wilhelm Rotermond, por exemplo, no ano de 1913, “apoiou enfaticamente a campanha de Borges de Medeiros para voltar ao governo” (GERTZ, 2002, p. 38).

Houve dissidências e flutuações entre os teutos, de modo que o fundador do Sínodo Rio-Grandense sugeriu “em várias oportunidades a criação de um partido próprio (étnico-colonial), defendendo em outras a barganha junto aos partidos existentes” (GERTZ, 2002, p. 38). As ideias dos líderes e de suas comunidades circulavam em jornais próprios, como *Deutsche Post*, sob a responsabilidade de Rotermond, e também *Brasil Post*, *Deustsche Zeitung*, *Serra Post*, dos quais existem alguns recortes acervados na classe 03 do ALAPH. Mais informações sobre o interrelacionamento política, imprensa, identidade e cultura regional nessa época podem ser buscadas no trabalho de Karina Anhezini (2003). Outras pesquisas suas,

abordando a correspondência de Affonso Taunay, talvez permitam rastrear a localização de grande parte das cartas enviadas por Arno Philipp a esse intelectual cujas respostas são aqui comentadas.

Muitos itens da classe 02 do acervo em estudo depõem sobre os laços afetivos estabelecidos pelo deputado teuto-brasileiro com o Visconde de Taunay e seus descendentes, numa relação de respeito mútuo, tanto pessoal como profissional. Alguns deles (ALAPH 02b003-22, 02b004-22, 02b005-22, 02b006-23, 02b010-29) chegam a expor pequenos desentendimentos entre os correspondentes. Em sua maioria, contudo, revelam detalhes íntimos ou expõem desconfiâncias, desprezo, queixas, reclamações e impressões negativas sobre algumas pessoas, por exemplo, quanto ao tradutor americano de **Inocência**. Isso poderia confirmar que, na vigência do movimento modernista, os escritores “falam mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama, onde as vidas se vivem” (SOUZA, 2000, p. 297).

São bastante comuns, nos mesmos itens do ALAPH, agradecimentos, pedidos, votos de admiração; demonstrações de apreço e estima, recomendações. Trata-se de cartas também escritas à maneira daquelas que Eneida Maria de Souza ironiza e caracterizariam a epistolografia do passado modernista brasileiro. Mesmo após a Semana da Arte Moderna de 1922, Affonso Taunay e Arno Philipp não se afastam daquela “escrita passadista”, caracterizada por mandar “respeito à excelentíssima esposa do próximo nem descrever crepúsculos, nem dançar minuetos sobre eleições acadêmicas e doenças do fígado” (SOUZA, 2000, p. 297).

Não seria privilégio modernista discutir questões culturais ou estéticas por meio de cartas. Assim, comentários sobre o padre José Maurício aparecem tanto nas correspondências do século XIX quanto nas do século XX. Debatiam-se assuntos de ordem estética também nas missivas oitocentistas, o que se reafirma pelo debate em torno de Carlos Gomes (ALAPH 02b021-96). Considerações acerca de pessoas ou obras, registradas em correspondências dos anos de 1900 (ALAPH 02a005-30, 02b012-30, 02b004-22, 02b008-23), a exemplo do próprio José Maurício, do plagiário Manuel Cardoso de Abreu e da tradução norte-americana de **Inocência**, figuram por igual nos itens de 1800 (ALAPH 02b033-99, 02b031-99, 02b025-98 e 02b022-97), como ao contemplarem o “bom Meyer” e o trabalho de Azevedo Castro, **Caro morto**.

Da mesma forma, os contatos intelectuais de Arno Philipp estendem-se de um a outro século, o que se exemplifica, em um caso, através de Rodolfo Glesch (02b001-21). Em outro, por meio de Carlos von Kosertiz, Rodolpho Pao Brasil e Carlos Bolle (ALAPH 02b033-99, 02b019-96, 02b018-95). Os frequentes envios de cartas e textos literários ou críticos, dedicatórias, fotografias, discursos parlamentares e acadêmicos se associam a temas marcantes de alguns textos literários do final do século XIX: “a visão intelectual, o trabalho e a remuneração do escritor, a militância política como temário narrativo” (PINHO, 2009, p. 2).

Assim, Visconde de Taunay (ALAPH 02b018-95) comenta que envia três obras literárias de sua autoria a Arno Philipp. Três anos depois, o escritor (ALAPH 02b026-98) avisa que, na primeira semana de 1899, deve ser publicado seu novo trabalho, **No declínio**, mas falece em janeiro de 1898. Quem o envia é Affonso Taunay, a pedido de sua mãe. Por sua vez, os exemplares prometidos de **Céus e terras do Brasil**, para distribuição às bibliotecas dos clubes alemães do Rio Grande do Sul (ALAPH 02b032-99), não se localizam entre os itens ora acervados.

Caso recebidos e encaminhados, ou mesmo se a remessa de tais exemplares não tivesse se concretizado, o registro de uma vontade de doá-los a bibliotecas alemãs já compõe importante rastro. É preciso ainda destacar o item que sublinha a difusão de **Inocência** entre a comunidade germânica do Rio Grande do Sul, feita por Arno Philipp e César Reinharit (ALAPH 02b029-99), e o que relata envios de trabalhos a serem apreciados por críticos tais como Clemente Brandesburger, Georg A. Buchler e Walter Weiszflog, (ALAPH 02b006-23). Atitudes como essas compõem o que se chama de sistema literário, “uma vez que a quantidade de escritores e indivíduos engajados na diversa opção política (conservadora ou liberal) confunde-se com o contingente de pessoas letradas ou aptas a adentrar na área de trabalho intelectual” (PINHO, 2009, p. 2).

Arno Philipp insere-se num sistema literário,³ do qual participou o Visconde de Taunay no século XIX e seu filho, na seguinte centúria, o que se comprova nos itens da classe 13 (Biblioteca) do ALAPH, contendo dedicatórias desses intelectuais. Menções a textos publicados nos jornais **O Comércio** (ALAPH 02b007-23), **A Federação** (ALAPH 02b002-22), **Jornal do Comércio** e **Deutsche**

³ Diz Antonio Candido (1975) que, para a literatura “se configurar plenamente como sistema articulado, ela depende da existência do triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica e de uma certa continuidade da tradição” (p. 16).

Zeitung (02b025-98) indicam que, por meio da “falta de recursos para o exercício de tão importante função para a consolidação da civilização brasileira, o trabalho intelectual no jornal, no livro, nas artes plásticas e no teatro são as áreas específicas por onde deve se desenvolver a cultura artística” (PINHO, 2009, p. 3).

Além de nos possibilitar o conhecimento desses fatos, os rastros presentes no Acervo Literário Arno Philipp ainda falam sobre plágio e pirataria de textos literários (ALAPH 02b003-22, 02b004-22). Outros itens contêm reclamações acerca dos baixos valores pagos aos escritores por seus trabalhos (ALAPH 02b023-97 e 02b024-97). As queixas associam-se à conclusão de que, no Brasil do século XIX, publicar livros era um negócio muito bom para os editores, mas péssimo a quem os produzia (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001). Nessa época, o mercado livreiro se dividia entre Garnier e Laemmert:

Enquanto o primeiro ficava com a literatura, a divulgação científica e os guias práticos, o segundo abarcava a história, a ciência e as obras de referência. Morto Baptiste Louis e com a firma novamente ligada à distante matriz francesa, abriu-se considerável oportunidade para a Laemmert enveredar pelo campo da ficção [...] Foi, assim, primeiro pelas mãos de Laemmert e Garnier, depois pelas de Alves, que a imprensa do Brasil abandonou o regaço estatal e saiu para as ruas, à procura do lucro que vinha sob a forma de compradores. Lucros parcos, é verdade, talvez na mesma proporção dos leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 121).

A comunidade teuto-brasileira não deixaria de contar com seus editores, como Wilhelm Rotermund e Carlos von Koseritz. O primeiro deles publicava

Livros de interesse geral, como **A descoberta e o descobridor do Brasil**, de Bruno Stysinski, em 1900 e, em 1904, *Casos julgados*, de Francisco de Souza Ribeiro Dantas, que no ano seguinte se tornaria professor da Faculdade de Direito de Porto Alegre. Além disso, sua gráfica prestava relevantes serviços, imprimindo, por exemplo, títulos eleitorais na República Velha. Mas a contribuição mais decisiva na perspectiva cultural foi sem dúvida a edição do famoso *Rotermund-Kalender* (Almanaque-Rotermund), cujo nome oficial era *Kalender fur die Deustschen in Brasilien* (Almanaque para os alemães no Brasil). Fundado em 1880, como alternativa e concorrente ao almanaque editado por Karl von Kosertiz em Porto Alegre (*Kosertiz's Deutscher Volkskalender fur die Provinz Rio Grande do Sul*), atingiu o número de 6.000 exemplares em 1906, 10.000 exemplares em 1913 e 12.750 em 1924, chegando aos 25.000 em 1917, para atingir o auge – que manteve durante muitos anos – de 30.000, em 1923 (GERTZ, 2002, p. 34-35).

As correspondências em análise também comprovam que o círculo de leitores de **Inocência** foi aumentando, juntamente às consideráveis recepções ao texto em si e a suas traduções para o alemão, entre os anos de 1895 e 1922 (ALAPH 02b018-95, 02b020-96, 02b029-99, 02b001-21, 02b002-22). Ainda é possível saber que o romance do Visconde de Taunay foi ou seria traduzido para os idiomas sueco, espanhol, francês e inglês, respectivamente, por intermédio destes itens do ALAPH: 02b019-96, 02b022-97, 02b028-99 e 02b008-23. Aqui reunindo os tópicos da recepção e da tradução, o famoso intelectual Miguel de Unamuno entusiasmou-se com a destacada obra literária de Taunay (ALAPH 02b008-23).

Entre 1896 e 1898, o Visconde (ALAPH 02b020-96, 02b021-96, 02b025-98) elogiava a tradução realizada pelo Sr. Philipp, mas o trabalho ainda não tinha saído em livro. Ficamos sabendo em qual veículo (folhetim) circulou a versão de **Inocência** à língua alemã no relato das negociações daquele escritor com Laemmert e Cia. (ALAPH 02b026-98). Por sua vez, o fato dessa obra literária ter circulado na colônia germânica do Rio Grande do Sul vem à tona nas missivas enviadas pela Viscondessa de Taunay ao tradutor (ALAPH 02b027-99 e 02b029-99).

Levando em conta as lacunas deixadas por cartas que saltam de 1899 a 1921, do intervalo entre esse ano e 1923 até novo salto a 1929-30, desenvolvemos este artigo à maneira do que faz Carlo Ginzburg (2005) com os inquiridos de Menocchio, o moleiro processado pelo Santo Ofício. Também ao estilo do historiador italiano, transformamos fragmentos distorcidos em uma narrativa que, às vezes, avança de trás para diante. Ainda tentamos ler o fato histórico a contrapelo, seguindo Walter Benjamin, além de fixar um catálogo e trazer a estudo inventários e repertórios que vão da leitura e da literatura à história e à historiografia.

O método crítico aqui utilizado necessitou avaliar a autenticidade dos testemunhos do passado, já que, em investigações de caráter histórico, e assim, nas de cunho histórico-literário, nem todos os relatos podem mostrar-se verídicos e a falsificação dos vestígios materiais nunca é uma hipótese a se descartar. A partir do momento em que a história passou “a fazer dos testemunhos involuntários um uso cada vez mais frequente, ela deixou de se limitar a ponderar as afirmações [explícitas] dos documentos. Foi-lhe necessário também extorquir as informações que eles não tencionavam fornecer” (BLOCH, 2001, p. 95).

Dessa maneira, o presente trabalho pode ser entendido como um exercício de historiografia literária que, por sua natureza, não deixa de contar uma história, no caso, literária; também de crítica cultural, a partir do momento em que articula distintos mecanismos do esquecimento e da memória. A heterogeneidade dos dados analisados numa coleção que vira acervo leva a outra inversão de papéis. Os critérios históricos e ideológicos se incorporam aos literários e vice-versa, numa fecundação recíproca que, para além das simpatias políticas dos sujeitos enfocados, mas sem elidi-las, permite avalizar suas contribuições à história e à literatura brasileiras.

Referências

ANHEZINI, K. **Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Affonso Taunay**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 32, p. 51-70, 2003.

BLOCH, M. **Apologia da história ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORDINI, M. G. **A materialidade do sentido e o estatuto da obra literária em O Senhor Embaixador, de Erico Verissimo**. In: ZILBERMAN, R. et. al, 2004. p. 199-276.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

BREFE, A. C. F. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional**. São Paulo: EdUNESP; Museu Paulista, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1975. 2v. v. 1.

CERRI, L. F. *Non Ducor, Duco: A ideologia da paulistanidade e a escola*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 115-136, 1998.

COLLA, F. **Autores argentinos na Coleção Archivos**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003. p. 55-64.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Batella (Orgs.). **Prezado Senhor, Prezada Senhora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 297-306.

GERTZ, R. **O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos Anos 1920**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **O perigo alemão**. Porto Alegre: EdUFRGS, 1991.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **O preço da leitura no Brasil: leis e números por detrás das Letras**. São Paulo: Ática, 2001.

LEBRAVE, J. L. **O manuscrito será o futuro do texto**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003.. p. 83-92.

MARQUES, R. **O arquivo do escritor**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003.. p. 141-156.

MIGUEL-PEREIRA, L. **História da literatura brasileira: prosa de ficção – de 1870 a 1920**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

MIRANDA, W.; SOUZA, E. M. (Orgs). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê, 2003.

MITIDIERI, A. L; PIAIA, M. (Orgs). **Catálogo do Acervo Literário Arno Philipp (ALAPH)**. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/site/publicacoes/publicacoesarquivos/124.pdf>>.

PEREIRA, Terezinha Maria Scher. **Acervos de Murilo Mendes**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003.. p. 157-166.

PINHO, Adeitalo Manoel. **O sistema literário de A conquista: nomes, leitura e números para um romance de Coelho Neto**. *Literatura em Debate*, Frederico Westphalen, v. 3, n. 4, p. 109-128, jul. 2009.

SANTIAGO, Silviano. **Com quantos paus se faz uma canoa**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003.. p. 15-24.

SEGALA, Amos. **O que dizem os arquivos de Archivos**. In: MIRANDA, W.; SOUZA, E., 2003.. p. 25-34.

SOUZA, Eneida Maria de. **A Dona Ausente**. In: GALVÃO; GOTLIB, 2000. p. 297-306.

_____. **Tempo de pós-crítica**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

ZILBERMAN, Regina et al. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.